

OFICINA ENSINO DE MÚSICA: UM PROCESSO DE SENSIBILIZAÇÃO

Sonia Regina Albano de Lima

Nos últimos quarenta anos, após a aprovação da LDB n. 4024/61, o ensino de música na educação básica tornou-se optativo. Essa medida contribuiu para afastar gradualmente esta modalidade de ensino destas escolas. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96, ao tornar novamente obrigatório o ensino artístico na Educação Básica, pareceu resolver este empasse, contudo outras linguagens artísticas foram mais beneficiadas, entre elas, as artes visuais. Somente com a Lei nº 11.769/08, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de música na Educação Básica, mesmo de forma não exclusiva, a linguagem musical volta a integrar os conteúdos curriculares do ensino básico. Diante deste quadro, questões importantes tiveram de ser estudadas, entre elas: Como ensinar música nestas escolas, o que ensinar, como encantar e sensibilizar os alunos para este aprendizado?

Outra questão também exigiu análise: Que ensino musical pode ser repassado aos professores generalistas, já que eles, na grande maioria, não tiveram em seus cursos de formação, aulas de música?

Observa-se que, até hoje, o modelo de ensino adotado pela educação contemporânea, em todos os níveis, prioriza conteúdos curriculares destinados ao aprendizado da linguagem verbal e da matemática, e uma formação com viés a atender as necessidades do mercado de trabalho. Nesse sentido, o ensino das linguagens artísticas ocupa lugar secundário na cadeia de conhecimentos. O tecnicismo continua a ser o termômetro da Educação, já que ela tem como objetivo primeiro atender as necessidades impostas pela sociedade e pelo mercado de trabalho. Neste padrão pedagógico, as artes perdem espaço, mesmo se considerando sua importância na formação e no desenvolvimento integral do indivíduo.

No que se reporta a Música, diferentes estudos científicos têm demonstrado que ensino musical propicia ao indivíduo o refinamento de diversas áreas do conhecimento, contribui para o seu desenvolvimento global e melhora suas capacidades relacionais e intelectivas. Gardner (1997) vê a música como uma faculdade universal capaz de agregar de forma benéfica os indivíduos na sociedade. A música amplia o senso estético, ativa a percepção de forma geral, estimula o sistema simbólico e lógico e as relações subjetivas envolvidas neste processo. Como a música é uma linguagem multidimensional, ela contempla inúmeros padrões cognitivos, o que permite sua interconexão com diversas áreas do conhecimento.

O psicólogo A. Storr (2000) vê a música como uma grande promotora de ordem. Ela tem o poder de estruturar a experiência auditiva e motora; traz comoção e emoção, pois, não se configura como um simples exercício cerebral, uma vez que o homem sente prazer percebendo a coerência e harmonia onde antes não havia. A música reproduz padrões culturais presentes em nossa sociedade, traz a diversidade e influencia diretamente as nossas emoções; ela atua mais diretamente em nosso corpo.

Os pesquisadores CLAIR & MEMMOT (2008) apontam para os benefícios que a Música pode propiciar ao indivíduo. Via de regra ela pode trazer respostas fisiológicas importantes, já que apresenta qualidades sedativas e estimulantes, que afetam diretamente a pressão arterial, frequência cardíaca, respiração, tolerância a dor, entre outras. Ela estimula respostas emocionais associadas às respostas fisiológicas, como alterações nos estados de ânimo e nos afetos. Promove a integração social ao criar oportunidades para experiências comuns, que são a base para os relacionamentos. Auxilia na comunicação, principalmente em pessoas que tem problemas de comunicação verbal; a partir da música, os indivíduos conseguem interagir significativamente com os demais. Promove a expressão emocional, pois utiliza a comunicação não verbal, facilitando a manifestação das emoções. Afasta o indivíduo do desconforto e da rotina

cotidiana, o que contribuiu para uma melhoria da sua qualidade de vida. Aumenta a capacidade de fazer associações extramusicais com outras informações sensoriais que estão guardadas na memória.

O hiato ocorrido entre o ensino musical optativo e o ensino musical obrigatório fez com que os professores de música adotassem na educação básica, um ensino musical sensibilizador. Várias são as educadoras musicais e as metodologias de ensino que tem empregado esse padrão de docência, com vistas a desenvolver as faculdades de percepção, comunicação, concentração, trabalho em equipe, autoconfiança, reinserção social, criatividade, memória e atenção. Entre elas, cito as pedagogas Violeta H. Gainza, Teca Alencar Brito e Enny Parejo, entre outras.

Nessa forma de lidar com a música, a escuta musical diferencia-se de um simples ouvir, que apenas recebe os estímulos sonoros presentes no cotidiano, sem valorizar o seu significado. Esta escuta traz embutida uma proposta educativa que amplia a percepção para aspectos cognitivo-musicais antes não observados. Ela se transforma numa escuta contextualizada, capaz de priorizar centros subjetivos da mente humana, produzindo um aprendizado musical que não se preocupa em alfabetizar musicalmente o indivíduo.

Incorporando na arte de ensinar música os ensinamentos de Paulo Freire (1989), não basta ao indivíduo conhecer ou decodificar signos musicais. É necessário que ele saiba compreender, dar sentido e interpretar os signos musicais para que este aprendizado adquira uma importância epistemológica, sociocultural e política.

Paulo Freire (1989) ao relatar a função do letramento no ensino em geral, informa que a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. Isso envolve uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra. A leitura do real não pode ser a

repetição mecanicamente memorizada da nossa maneira de ler o real (FREIRE,1989).

O mesmo se aplica no ensino da música. É preciso compreender a funcionalidade da linguagem musical e suas representações oral e escrita. Nesse sentido, inúmeras são as ferramentas que podem ser utilizadas no ensino desta linguagem.

Esta oficina, além de apontar a problemática que envolve o ensino musical contemporânea, também teve a função de mostrar para os ouvintes, algumas ferramentas capazes de auxiliar o processo de ensino/aprendizagem musical na Educação Básica e na capacitação musical dos professores generalistas.

Projetos de extensão extracurriculares, projetos socioeducativos, projetos culturais, produção de publicações de ensino musical mais lúdicas, uso de tecnologia aplicada em sala de aula, desenvolvimento de jogos, brincadeiras e espaços digitais para o ensino musical foram alguns desses exemplos, que podem ser utilizados tanto na Educação Básica como na capacitação dos professores generalistas que atuam no ensino fundamental “anos iniciais” e na educação infantil.

Conforme relata a educadora musical Subtil: “Cabe repensar a prática musical escolar, sistematizando, historicizando e propondo diferentes audições dos objetos musicais, e dos próprios meios em si como construções humanas, em dadas condições históricas, sociais e econômicas, portanto, passíveis de serem mudadas, transformadas” (SUBTIL, 2007, p. 81).

Palavras chave: ensino musical, sensibilização, letramento musical.

Referências bibliográficas

CLAIR [Alicia Ann](#) e [MEMMOTT](#) Jenny. *Therapeutic Uses of Music with Older Adult*. American Music Therapy Association, 2º Ed. 2008.

- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- GARDNER, Howard. *As artes e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.
- SUBTIL, MARIA JOSÉ DOZZA. Mídias, músicas e escolas: a articulação necessária. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 16, p. 75 – 82, março, 2007.
- STORR, Anthony. *La música y la mente*. Barcelona: Editora Paidós, 250 p. Tradução espanhola de Verônica Canales Medina. 2002.

Promoção:



Apoio:

